

CONSUMIDO NA PÓS-MODERNIDADE - PRODUZIDO NA IDADE MÉDIA

Adelcio Machado dos Santos¹
Ângela Cardoso²

RESUMO

O conhecimento constitui-se, hodiernamente um fator de sucesso para as organizações e para os países. Na sociedade do conhecimento e da informação, o conhecimento se transforma no fator-chave da economia pós-moderna e o precípua determinante da modificação ocupacional. Os trabalhadores necessitam se adaptar as novas exigências em termos de educação e, por serem o capital humano da organização, também adquirem relevância, uma vez que são responsáveis por todo o capital intelectual que a organização possui, ademais de produzirem, compartilharem e transformarem o conhecimento em ação e resultados. Contudo, paralelamente a esta sociedade, coabita outra, ainda pautada pelos princípios socioeconômicos mais arcaicos, deitando raízes na Idade Média. Este artigo projeta luz sobre esta conjuntura, resgatando os conceitos de “Brasil, Terra de Contrastes”, da lavra de Roger Bastide.

Palavras-chave: Pós-Modernidade, Arcaísmo, Agricultura.

CONSUMED IN POSTMODERNITY - PRODUCED IN THE MIDDLE AGES

ABSTRACT

The knowledge has currently become a tool for success for organizations, companies and countries. In the society of knowledge and incoming information in which we live, knowledge becomes a key factor of the postmodern economy and the primary determining purpose of occupational change. Workers need to adapt to new demands on education, and once they are human capital of companies and organizations, they also become relevant, since they are responsible for all the intellectual capital that the organizations have, besides producing, sharing and transforming knowledge into action and results. However, parallel to this society, there is another one, coexisting, that is still guided by the most archaic socioeconomic principles, laying its roots in the Middle Ages. This article highlights

¹ Pós-Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente e Pesquisador da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp). Jornalista (MTE/SC nº 4155). Endereço: Rua D. Pedro II, nº 176, Apto. 402 – 88101-320, São José (SC) Brasil. E-mail: adelcio@redelnet.com.br.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Jornalista (MTE/SC nº 0002863). Endereço: Rua Paulo Castelli, nº 32, Bairro Vila Paraíso, Caçador (SC), Brasil. E-mail: angelacardoso21@hotmail.com.

this situation, resuming concepts from "Brasil, Terra de Contrastes" the work that belongs to Roger Bastide.

Keywords: Post-modernity, Archaism, Agriculture.

CONSUMIDO NA PÓS-MODERNIDADE - PRODUZIDO NA IDADE MÉDIA

O francês Roger Bastide, com muita justiça, figura na galeria dos destacados membros da "intelligentzia" brasileira, porquanto deu a pesquisas fundamentais para compreensão cultural. No entanto, o título de uma de suas obras avulta pela precisão e clareza – "Brasil, terra de contrastes". Esta projeta luz sobre uma das mais interessantes facetas do Brasil, que, entrementes, hospeda as dimensões da Pós-Modernidade e relações socioeconômicas afinadas com a Idade Média, configuradas na sociedade do conhecimento coabitando com estruturas sobremodo arcaicas.

Em primeiro lugar, a realidade atual torna cada vez mais difícil para as organizações em geral responderem à crescente complexidade da sociedade. Em grande parte, isso emana avanço tecnológico, que acontece quando o acúmulo de informações chega a um estágio que cria um novo patamar de conhecimento. Comumente a motivação, quando existe, resulta de uma carência a ser atendida e, mesmo assim, somente ocorre quando o contexto viabiliza a sua aplicação (CALDAS; AMARAL, 2001).

O conhecimento consiste na peça central que move essa sociedade complexa. Na realidade, conforme explicam Zabot e Silva (2002), a relevância do conhecimento não é uma descoberta nova, pois desde os tempos mais remotos, sabe-se que os homens que detinham muito conhecimento eram os que se destacavam dos demais. O problema, em última análise, consiste que, durante muito tempo, o acesso ao conhecimento, em realidade, restringia-se a alguns apagianados, e o próprio conhecimento era, muitas vezes, empregado como meio de domínio e opressão. O conhecimento é, na realidade, um trunfo competitivo de extremo poder, e não apenas sua aquisição é relevante, mas também sua criação e transferência.

No juízo da lavra de Santiago Jr. (2004, p. 29), o conhecimento pode ser concebido como "uma mistura fluida de experiências, valores, informações

contextualizadas e *insights*". Ele permite a existência de uma estrutura para avaliar a incorporação de novas experiências e informações. O conhecimento se origina na cabeça das pessoas e se faz presente nas organizações não apenas em documentos, mas também em rotinas, processos e práticas.

De acordo com Toffer (apud ZABOT; SILVA, 2002, p. 67), o conhecimento constitui "a fonte de poder da mais alta qualidade e a chave para a futura mudança de poder". O conhecimento passou de auxiliar do poder monetário e da força física a sua própria essência, e é por isso que a batalha pelo controle do conhecimento está se tornando cada vez mais acirrada em todo o mundo.

Crawford (2000 apud ZABOT; SILVA, 2002) indica quatro características centrais inerentes ao conhecimento, que o transformam em um recurso único na criação de uma nova economia:

- a) o conhecimento é difundível e se auto-reproduz: diferentemente das matérias-primas da economia industrial, as quais se constituem como recursos finitos, o conhecimento expande-se e aumenta na medida em que é empregado. Quanto mais é usado para desempenhar uma tarefa, mais ele é aprimorado e possibilita entender com maior profundidade essa tarefa;
- b) o conhecimento é substituível: isso significa que o conhecimento pode substituir outros recursos como o trabalho e o capital. Novas técnicas de plantio, por exemplo, podem produzir mais em mesmo espaço de terra;
- c) o conhecimento é transportável: na sociedade eletrônica atual, o conhecimento pode se mover de forma muito rápida, por intermédio dos fluxos de informação;
- d) o conhecimento é compartilhável: a transferência de conhecimento para outras pessoas não impede o uso desse mesmo conhecimento por seu original detentor.

Importa salientar que o conhecimento pode ser classificado em diversas tipologias, conforme expõe Lapa (2004):

- a) Conhecimento explícito: compreende o conjunto de informações já registradas em algum suporte (livros, documentos, etc.) e que caracteriza o saber disponível sobre tema específico;
- b) Conhecimento tácito: diz respeito ao acúmulo de saber prático acerca de um determinado assunto, que agrega convicções, crenças, sentimentos,

emoções e outros fatores relacionados à experiência e à personalidade de quem detém, mas não está registrado em local algum; e

c) Conhecimento estratégico: resulta da combinação de conhecimento explícito e tácito constituído com base em informações de acompanhamento, agregando o conhecimento de especialistas.

Em relação a essa classificação do conhecimento, desenvolvida inicialmente pelos autores Nonaka e Takeuchi (1997), Zabet e Silva (2002) ainda acrescentam que o conhecimento explícito pode ser articulado na linguagem formal, inclusive em afirmações gramaticais, especificações técnicas e expressões matemáticas. Esse tipo de conhecimento pode ser transmitido, formalmente, de modo relativamente fácil entre os indivíduos de uma organização.

O conhecimento tácito, por sua vez, compreende o conhecimento pessoal incorporado à experiência individual, envolvendo fatores intangíveis, como crenças pessoais, perspectivas, sistemas de valor e experiências individuais. Em virtude de suas características, esse conhecimento é bem mais difícil de ser articulado e transmitido em linguagem formal, sendo difícil de visualizá-lo e exprimi-lo, visto que está profundamente enraizado em experiências, emoções, valores ou ideais. Destarte, conforme Zabet e Silva (2002), para que possa ser compartilhado dentro da organização, o conhecimento tácito precisa ser convertido em explícito e vice-versa e é por meio dessa conversão que se dá a criação do conhecimento organizacional.

De acordo com Zabet e Silva (2002), o conhecimento pode ser considerado como um capital das organizações, isto é, como qualquer forma de riqueza empregada com a finalidade de produzir mais riqueza. O desenvolvimento do conhecimento é pressuposto para o desenvolvimento da tecnologia, sendo que novos conhecimentos conduzem a novas tecnologias, o que resulta em mudanças na economia que, por sua vez, promove mudança social e, por conseguinte, mudança política e de paradigmas.

Choo (2003) apresenta ainda algumas características essenciais do conhecimento organizacional, quais sejam: o conhecimento é mediado, situado, provisório, pragmático e contestável.

A primeira dessas características, qual seja, a de que o conhecimento é mediado significa que o conhecimento organizacional se configura como uma propriedade dos sistemas de atividade, que são constituídos de indivíduos, rotinas e

objetos de atividade. O conhecimento é o resultado de interações entre esses três elementos.

Essas interações não ocorrem de modo direto, mas são mediados por regras formais e informais, papéis e relacionamentos, e pelo uso de ferramentas e tecnologias. Atualmente, cada vez mais os sistemas computadorizados de informação são responsáveis por efetuar a mediação entre os indivíduos e suas rotinas de busca e uso da informação. As tecnologias de comunicação modificam os papéis tradicionais e os relacionamentos dentro de um grupo de trabalho, entre um grupo e outro e uma organização e outra (CHOO, 2003).

Outra característica do conhecimento organizacional é o fato de ele ser situado. De acordo com Choo (2003), o conhecimento se localiza no tempo e no espaço e interage com os elementos físicos e sociais do ambiente onde a atividade é desenvolvida. As ações das pessoas são limitadas ou favorecidas por seus ambientes físico e social imediatos, que as orientam a explorar algumas contingências do ambiente e a evitar outras. Ao mesmo tempo, as ações têm o potencial de mudar o ambiente e, com isso, criar novos modos de interação. O modo como as pessoas interpretam o contexto no qual trabalham também interfere no conhecimento organizacional, incluindo a percepção e os sentimentos dos indivíduos em relação à comunidade à qual pertencem e na qual desenvolvem suas atividades.

A característica da provisoriade do conhecimento é assim apresentada por Choo (2003, p. 357):

Novos conhecimentos são sempre testados à medida que hipóteses e teorias são continuamente construídas, experimentadas e reestruturadas. As rotinas, as regras e os papéis não são permanentes, mas constantemente revistos e reconfigurados. A intrusão de forças externas a um sistema de atividade e as subseqüentes tentativas de assimilação e interiorização podem gerar grandes tensões e contradições. Novas maneiras de conhecer e fazer emergem em conseqüência da eliminação dessas tensões por meio do diálogo, da experimentação e da busca coletiva. Os novos conhecimentos também são fluidos, prontos para serem aperfeiçoados pelo próximo ciclo de mudanças.

Por conseguinte, cada vez mais, na sociedade atual, os conhecimentos perdem seu valor de forma acelerada, sendo, em pouco tempo, substituídos por outros mais avançados. Esse ciclo de mudanças, que evidencia como o conhecimento é provisório, tem se acelerado cada vez mais.

A característica do pragmatismo do conhecimento significa que o conhecimento produz uma ação orientada para objetivos, direcionada para o objeto

da atividade. A ação coletiva é guiada pelas concepções que as pessoas possuem acerca do objeto de suas atividades. Novamente, tem-se que as tecnologias de informação influenciam o modo das pessoas perceberem e se relacionarem com seus objetivos de trabalho, mas seus efeitos variam, dependendo do papel atribuído à tecnologia.

Enquanto que, por um lado, os sistemas de informação computadorizados obscurecem o conteúdo do trabalho ou aumentam a distância entre o indivíduo e o objeto do trabalho, por outro, permitem informar o ambiente de trabalho, oferecendo visões ricas do trabalho e oportunidades de desenvolver capacidades intelectuais (CHOO, 2003).

Por fim, verifica-se a característica de que o conhecimento organizacional é contestável, em virtude de seu tom político. Conforme explica Choo (2003), o fato de o conhecimento ser, em muitas situações, um recurso de poder nas organizações, faz com que ele termine por adquirir uma expressão política. Os sistemas de atividade são sistemas sociais, e os elementos do sistema social exercem níveis diferentes de influência.

Por isso, questões como o acesso à informação, ferramentas e treinamento, bem como a participação em comissões, diálogos e decisões, tornam-se fontes potenciais de conflito. Destarte, é inevitável a ocorrência de conflitos entre novas e antigas gerações simbólicas, entre aqueles que resolvem os problemas e entre os que vários níveis de funções profissionais e administrativas.

Tudo isso é veraz, entretanto, a par de tal sociedade, residente na Pós-Modernidade, interagindo ou entranhada, processa-se outra sociedade, cujas relações socioeconômicas exibem cariz de extrema antiguidade.

O Município de Caçador, no Meio-Oeste catarinense, é responsável por mais de 80% da produção de tomate do Estado de Santa Catarina, com movimento financeiro superior a R\$ 50 milhões por ano. Os dados impressionam e desnudam por trás deles uma figura essencial para este desempenho: o meeiro. É o trabalhador rural que vê muito pouco do dinheiro, mas é o partícipe ativo do processo, desde a colocação da muda na terra, até a colheita.

A exploração do tomate em Caçador processa-se mormente por mão-de-obra familiar ou utilizando meeiros que são remunerados através da divisão dos resultados da safra. Funciona da seguinte forma: a pessoa é contratada para cuidar de um número pré-determinado de pés de tomate, do

começo ao fim do período de produção. Em média, 15 mil pés cada um. Para dar conta do trabalho, o homem trabalha com a mulher e outros parentes.

Depois da colheita, o produtor paga pelo serviço, que é fracionado por caixa de tomate produzida. O valor é repartido entre os trabalhadores.

São seis meses de trabalho até o resultado final e do acerto nem sempre sobeja o suficiente para garantir a subsistência nos meses seguintes, visto que boa parte da renda é comprometida em compras efetivas ao longo do período. Mesmo assim, o serviço continua sendo um atrativo e traz todos os anos famílias inteiras para Caçador.

Uma vez que o tomate se constitui em cultura de risco, muito poucos conseguem amealhar pecúnia para depois retornarem para suas cidades, com economias. A agricultora Helena Marques, 33 anos, deixou Ponte Serrada há três anos para trabalhar nas lavouras de tomate. Esperava resultado melhor, contudo, neste período, apenas conseguiu comprar alguns móveis e roupas para as crianças.

Ela, o companheiro Newton César das Neves, 21 e os quatro filhos estão desde o mês setembro morando na localidade de Cerro Branco. A família é responsável por 12.200 pés de tomates.

A esperança de Helena, que está grávida de nove meses é conseguir dinheiro o suficiente nesta messe para aquisição de uma residência. Não importa o lugar. Contudo, ela reconhece os escolhos à aspiração. "Na última safra, tiramos R\$3.380,00. Aí fomos pagando uma coisa e outra, pagamos o peão que ajudou e sobrou um pouco para comprar umas coisas para dentro de casa. A casa mesmo ainda não deu", conta ela, que morava na cidade, mas vendeu a casa para tentar a sorte no tomate.

Agora, ela espera contar com a solidariedade do proprietário das terras, para deixá-la morar na casa depois da safra terminar. "Não temos nada. Se o dono não deixar ficar nas terras, não temos para onde ir". Dinheiro para ir vivendo até o acerto, no final da safra, a família não tem. Nem mesmo existe o enxoval da criança que pode nascer a qualquer momento. "Difícil mesmo é enfrentar a lida. Para os meus filhos eu não quero isso. Quero que eles estudem e encontrem um serviço melhor".

Em situação parecida com de Helena vive o meeiro Luiz Carlos Ribeiro, 38 anos, que veio de General Carneiro (PR). Ele, a mulher Maria Aparecida Neves, 42 e os nove filhos também vieram tentar a sorte no tomate. Dos filhos, o mais novo tem dois anos e o mais velho 14. Eles moram há seis anos em Caçador e é a

segunda vez que laboram na atividade.

Na primeira safra, foram somente dívidas. "Não deu nada. Ficamos com as despesas. Mas esperamos que este ano a produção seja melhor", revela. Nos outros meses do ano, Ribeiro é catador de papel e aluga um habitáculo na cidade para morar. A aquisição de uma residência também se constitui no grande sonho da família. "Se não der este ano, vamos tentar de novo o ano que vem. Não posso desistir", completa.

Os meeiros labutam, em média, até 12 horas por dia, nos períodos de messe. Por via de regra, o labor se prolonga até que a luz do dia existir. Ninguém curte necessidades basilares, porque os trabalhadores utilizam vales compra para adquirirem comida, em mercados indicados pelos donos das terras.

Há três anos, a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) vem fazendo reuniões com os produtores e orientando sobre a necessidade normatizada de se registrar em carteira, o trabalhador temporário. "Já houve muitos avanços neste sentido. Antes era somente o contrato de parceira. Hoje, a maioria está devidamente registrada, com pagamento em folha", destaca o auditor fiscal da DRT de Caçador, Sílvio Córdova.

No entanto, ainda se verificam problemas crônicos, como, à guisa de exemplo, o atrelamento antecipado em dívidas. Todos os entrevistados confirmaram que para a compra de comida, não há liberação de dinheiro em espécie, apenas vales-compras. Quando se precisa de remédios, são liberados os vales de farmácia. "Essa é uma prática ilegal porque fere o direito da pessoa escolher onde ela quer comprar. Estamos tentando mudar esta situação também, mas sabemos que não será uma tarefa fácil. Há poucos fiscais para inibir a prática, mas aos poucos, acredito que isso vai mudar. Uma grande parte de produtores já faz o pagamento mês a mês".

Na escola isolada Joaquim Nabuco, de 1ª a 4ª série, na linha Aliança, dos 17 anos, 13 são filhos de meeiros. A Profª Fátima Aparecida Castilho, 47 anos, conta que os alunos vêm de diversas regiões do Paraná e com diferentes níveis de aprendizagem, o que dificulta bastante o trabalho. "Normalmente, tenho que começar o zero, começar a alfabetizar, porque a maioria chega aqui e não sabe nem o básico", relata ela. Os alunos começam a chegar em meados do ano letivo e lotam a pequena sala de aula, onde a professora trabalha paralelamente com as quatro séries.

Crianças com distorções idade-série abundam nas escolas isoladas nesta época do ano. "Tenho alunos aqui com 14 anos que estão na 4ª série e ainda com dificuldades de aprender", explica. Ademais do processo de alfabetização, a professora também faz às vezes de psicóloga porque, segundo ela, muitas crianças vêm de famílias desestruturadas, enfrentando junto a mudança repentina de lugar.

O aluno César Terreiro tem 13 anos e é o mais novo aluno da 4ª série da escola Joaquim Nabuco. Ele nasceu em Astorga (PR), mas tem um carregado sotaque paulista. "Antes de vir para cá, a gente estava no interior de São Paulo na colheita do café", conta. A família dele divide o ano conforme as safras, vivendo em diferentes regiões e, pela primeira vez, tentam a sorte no tomate em Caçador.

Enfim, "Brasil, Terra de Contrastes".

REFERÊNCIAS

CALDAS, Ricardo W.; AMARAL, Carlos Alberto A. **Mudanças, razão das incertezas**: introdução à gestão do conhecimento. São Paulo: Cla, 2001.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

LAPA, Eduardo. **Gestão do conteúdo**: como apoio à Gestão do Conhecimento. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SANTIAGO JR., José Renato Sátiro. **Gestão do conhecimento**: a chave para sucesso empresarial. São Paulo: Novatec, 2004.

ZABOT, João Batista M.; SILVA, L. C. Mello da. **Gestão do conhecimento**: aprendizagem e tecnologia, construindo a inteligência coletiva. São Paulo: Atlas, 2002.